



Entre Sangue

e Flores

Sem nenhuma nuvem no céu, os raios solares banham o jardim em formato de um labirinto em alguns andares. As roupas escuras de Andrew usava não o ajudava a se aliviar daquele calor miserável, principalmente que o mesmo estava abaixado tirando ervas daninhas, exposto ao sol escaldante.

O único salvamento para sua mente conturbada era saber que Bee havia comprado vários sorvetes de chocolate apenas para ele.

Ao se ergue o loiro avistou um dos atacantes do time oficial de Exy da escola, Neil, alguns andares acima empinando uma bicicleta azul, ignorando a placa de proibição daquele ato, que Andrew foi forçado por Bee a crava-la no chão.

Com a habitual feição de desinteresse, Andrew subiu os lances de escada passando pelo ruivo que com um sorriso simpático disse “Andrew, oi” mas, foi ignorado pelo loiro.

Jogando as ervas daninhas na lixeira ao lado da floricultura da Bee, ele segue até a lateral do estabelecimento ele pega a mangueira, abrindo a torneira e enxugando as tulipas plantadas em vasos de gesso.

Com a sua visão periférica, Andrew avistou Josten descer as escadarias ainda em cima da bicicleta, o ruivo não podia ter uma ideia tão burra como aquela, para o loiro já estava óbvio que o ruivo ia cair, só não pensou que o rapaz não rolaria até bater as costas em um dos vários vasos de gesso próximo aos seus pés, o quebrando.

Andrew se recusou a olhar para o estado em que o outro estava, apenas focando a sua visão turva em seus sapatos manchados de sangue de Neil.

Sentindo um cheiro de sangue, a mente de Andrew o levou novamente para aquela fatídica noite, ele podia jurar que o céu escureceu, ouvia o som das sirenes, ele até mesmo procurou vestígio de sangue em seus dedos.

A voz de Neil parecia distante e falhada, Andrew precisou se esforça para entender que o ruivo dizia.

“Ah, Andrew, oi de novo” a mente de Andrew girava em uma mistura do passado e do presente, ele se sentia sufocado pelo cheiro e gosto que o líquido vermelho lhe oferecia “poderia me ajudar a levantar?” Neil ergue sua mão ensanguentada a espera da ajuda do loiro, mas ao perceber que isso não aconteceria ele se apoiou em suas mãos cortadas se erguendo com um pouco de dificuldade.

Seguindo o olhar de Andrew, Neil o viu mirar nos vãos quebrados “oh, desculpe, eu vou pagar por tudo” ele disse se aproximando do outro. Mas a mente de Andrew estava em outro lugar, estava há um ano atrás, suas pernas tremiam e ele sentia a dor corporal que sentiu ao ficar horas agachado escondido, podia ouvir os gritos o cheiro do pavor que sentiu quando os passos se aproximou, o peso da mão do Aaron sobre os seus lábios e a sua respiração apavorada, o medo em seu coração o fez cambaleiar alguns passos.

Com a visão turva, Andrew avistou a silhueta do ruivo se aproximar a sirene em sua mente gritava por socorro, “não” ele disse com a língua tremendo. Neil deu um passo para trás, mas mantendo suas mãos próximas caso o loiro caísse.

Minyard precisava de alguma maneira afastar a sensação de morte que enublar a sua mente, sem contar com Bee, o mesmo se voltou para as tulipas expirando o seu aroma, em uma tentativa quase falha de afastar o frescor do sangue, ele vasculhou a sua mente atrás da frase que Beesty sempre dirigia para ele quando ele tinha uma de suas crises “*respire fundo, está tudo bem em não estar bem, o importante é continuar tentando*”, com os olhos fechados ele repetiu isso até sentir o seu pulso se acalmar.

Neil observou o peito de Andrew desacelerar os seus batimentos e ele voltar a abrir seus olhos dourados, “é... você está bem?” Mas uma vez, Neil foi ignorado pelo loiro que o olhou de relance enquanto encontrava o caminho de volta para dentro da livraria.

Ao perceber que o outro não o acompanhava, Andrew parou e girou o seu pescoço arqueado as sobrancelhas em um convite silêncio que Neil entendeu muito bem, já que começou a caminhar para dentro da floricultura junto a ele.

O loiro se sentou na frente de Neil com um kit de primeiros socorros apoiado em seu colo “você está mesmo bem?” Ele voltou a questionar o atendente “tem medo de sangue?”

Andrew segurou a parte menos ralada do queixo de Neil e passou levemente o algodão encharcado de álcool, “você fala demais” ele enfim disse.

“Desculpa, tô incomodando, não é?”

“Não mexe o queixo” os olhos castanhos oscilavam entre os lábios entreabertos e os ferimentos do outro, “você não está me incomodando”.

“Tem certeza?”

“Shhh” Andrew colocou um curativo no queixo de Neil e entregou o kit de primeiros socorros para o outro “você pode terminar sozinho” saindo porta a fora, Andrew acendeu um cigarro.

Josten terminou os curativos e saiu ao encontro de Andrew, antes mesmo de ver o cigarro entre seus dedos, a brisa levou o cheiro tão familiar até as narinas de Neil.

“Pode me dar um trago?” Apesar de ergue as sobrancelhas em descrença, Andrew entendeu a nicotina para o outro “valeu”

Sempre que as coisas ficam pesadas demais e Neil precisava se recordar de sua mãe, ele acendia um cigarro idêntico a ele e deixava-o queimar até o filtro, mas jamais ousou colocar um daquele entre os seus lábios, aquela seria a primeira vez.

O rapaz de olhos dourados balançou a cabeça em negação, e Neil podia jurar que ouviu uma risada escapando de seus lábios “então, vai ser no débito ou no crédito?” Andrew perguntou pegando o cigarro de volta.

“O que?!” Ele disse “o cigarro? O kit de primeiros socorros?”

“O vaso” Andrew deu uma última tragada antes de jogar o cigarro no chão e apagá-lo com a ajuda de seu contorno “não ache que só porque você é um baita gostoso que eu vou deixar descontarem do meu salário por você”, ele enfiou suas mãos no bolso e voltou para dentro da floricultura enquanto Neil o mirava embasbacado.

*“Andrew Minyard me acha um baita gostoso?”*